

EDITORIAL

ANO X - VOL. II

ANTIESPECISMOS E DECOLONIALIDADE

Este dossiê nasce a partir de uma convicção: a necessidade de que os Estudos Críticos Animais compreendam o especismo - e os antiespecismos, por consequência - sob perspectivas decoloniais e, portanto, mais justas para com as existências e grupos oprimidos, despossuídos, marginalizados, perseguidos, subalternizados e aniquilados ao longo da história. No entanto, este dossiê também nasce também a partir de nós, Fabio Oliveira e Martina Davidson, uma vez que estas temáticas e compromissos teórico-práticos têm nos atravessado de forma potente e coletiva, seja em nossas trajetórias acadêmicas ou coletividades e afetos enlaçados. Logo, podemos dizer que o “nós” que aqui assina o dossiê extrapola a função mais formal designada pelo pronome que indica a primeira pessoa do plural, dado que se propõe a estabelecer pontos de entrelaçamentos, de encontro, interrupções e, conseqüentemente, de alternativas outras.

Desta forma, este número visa, justamente, aprofundar esses imbricamentos, entre arte e teoria, entre afeto e aposta ético-política, de forma a buscar colaborar com a compreensão radical do especismo enquanto um elemento constitutivo do colonialismo e da colonialidade. Compreender a colonialidade e o colonialismo como processos históricos, epistêmicos, ontológicos e metafísicos que forjaram, agravaram ou (re)criaram opressões estruturais no mundo capitalista-globalizado, constitui-se como uma convocação que nos posiciona em uma arena de enfrentamento efetivo das opressões direcionadas à grupos e existências oprimidas ao longo da história. Diante disso, convocamos Ocaña, López & Conedo (2018) quando apontam a importância de nomear esses processos de violência que promovem a subalternização enquanto “ações colonizadoras”, uma vez que elas se constituíam a partir da tríade: imperialismo, capitalismo e colonialismo.

Assim, este dossiê busca analisar o que emerge deste processo, isto é: uma matriz colonial responsável por uma hierarquização baseada em binarismos, sob a qual conformam-se relações entre pares opacionais e, ao mesmo tempo, suplementares que definem as vidas que são dignas de serem protegidas e vividas (a do Homem, branco, cisgênero, heterossexual, dito saudável, do Norte Global) e as vidas que são jogadas à margem social, onde a opressão, exploração e violência (as vidas subalternizadas, isto é, animais, pessoas racializadas, pessoas queer ou LGBTI+, pessoas com deficiência, entre outras) são autorizadas e, em alguns casos, condição de possibilidade para a operação de um “fazer morrer” sistemático.

Portanto, os trabalhos e obras deste dossiê buscam identificar o lugar do especismo nesse processo, destacando seu papel na articulação e manutenção da opressão contra animais humanos, não humanos, mais que humanos e a natureza. Por essa razão, identificar no colonialismo a base de um

processo de ontologização das diversas formas de vida, bem como um fundamento para uma distribuição desigual entre as vidas que merecem e são dignas de viver e as que não são, tornam-se etapa importante para desmitificar os nós coloniais que assentam as opressões ainda em vigor.

A partir de uma necessidade de diagnosticar a estruturação do pensamento colonial moderno, María Lugones (2011) sugeriu que a hierarquia dicotômica humano/não humano se configurou como central da modernidade colonial e se impôs a partir do processo de colonização das Américas e do Caribe. Por esta razão, mesmo que os Estudos Críticos Animais nem sempre se comprometam com um posicionamento ativo, explícito e direto contra-colonial, decolonial ou descolonial, acreditamos que, para compreender a forma como o binômio humano/animal opera, é necessário abordar os processos de colonização/colonialidade de Abya Yala e outros territórios explorados e constantemente ameaçados pelos fantasmas coloniais, sem a qual a Modernidade não poderia ter prosperado como um sistema de violência constitutivo do status quo. Neste sentido, este dossiê busca, através de seu conteúdo, reconhecer os lugares comuns entre as diferentes opressões existentes nas relações sociais, culturais, econômicas e políticas, de forma a entender o especismo enquanto opressão estrutural (OLIVEIRA, 2022) localizada em continuum com o capacitismo, cisheterossexismo, racismo, e outros ismos de dominação (GONZÁLEZ & DAVIDSON, 2022).

Através de uma visão comprometida com a denúncia da colonialidade e colonialismo, objetivamos reunir trabalhos que nos auxiliem a entender o especismo como uma complexa forma de apropriação e invasão do mundo, aproximando-nos, assim, de narrar, formar e articular novos caminhos coletivos de resistência. Neste sentido, aqui encontram-se trabalhos de múltiplos formatos - resenhas, ensaios, artigos, intervenções artísticas - que buscam localizar o papel das ontologias coloniais, além de caracterizá-las, questioná-las e/ou gerar reflexões ético-políticas em relação a elas, destacando como a ideia do “animal” vem sendo articulada como dispositivo de controle para o aprofundamento das ações colonizadoras. Isto é, trata-se de somar esforços na denúncia comum entre as opressões através de um caminho decolonial. Desta forma, o dossiê poderá agir como um compilado, manifesto e território de enfrentamento e denúncia estrutural do especismo e de diversas outras opressões que se apresentam como braços necropolíticos da colonialidade.

Em função disso, este dossiê termina por incluir não apenas artigos científicos, mas também textos e imagens de expressão artística pois, em concordância com Karina Bidaseca (2021), vemos a arte como uma forma de resistência que pode questionar e subverter as estruturas de poder coloniais e hegemônicas. Mais que isso, compreendemos e sentimos a arte como a conformação de estéticas decoloniais que se constituem como práticas de desafio à estética estabelecida e reiterada por uma hegemonia eurocêntrica e estadunidense, operada pela indústria cultural imperialista. Assim sendo, entendemos que a arte pode atuar como um meio de preservação da memória e como uma forma de reparação simbólica, isto é, trata-se de uma abordagem da decolonialidade que integra a arte como uma ferramenta vital para a justiça social e a transformação cultural.

O dossiê apresenta uma série de textos que exploram diversos aspectos da relação entre humanos, animais e a natureza. O primeiro texto, de Lucas Filaci, “A animalidade e a descolonização do pensamento: para além do etnocentrismo” questiona a necessidade humana de se diferenciar dos

animais, enfatizando a expulsão do instinto e a relação com o mundo dos corpos e das vidas. Por sua vez, o segundo texto, de Maria Clara Dias, intitulado “Paixões Tórridas”, trata-se de uma obra de arte em prosa poética que descreve o cotidiano na praia e a conexão com uma gaivota e um gato, refletindo sobre a identidade e as mudanças no tempo.

O texto, subsequente, “Quinze anos de debates brasileiros sobre os direitos de animais: uma revisão bibliométrica”, de Rodrigo Coelho, analisa a produção acadêmica sobre os direitos dos animais no Brasil nos últimos quinze anos, identificando os principais artigos, autores e instituições que contribuíram para o debate. Por sua vez, o texto que segue é o de Isaac Peña e traz uma resenha do livro “Os Direitos dos Primatas” de Paula Casal e Peter Singer.

A continuação, temos o artigo “Viver como um cão, morrer como um animal: deslocamentos da vida canina em Buenos Aires” de Leandro Simari, que investiga a transformação do lugar dos cães na cultura urbana de Buenos Aires entre o final do século XIX e início do século XX. A seguir, Marco Tulio, em seu artigo intitulado “VEGANISMO DECOLONIAL: INTERSECÇÕES COM O FEMINISMO E COM A LUTA ANTI-RACISTA” discute a problemática de um veganismo constituído como filosofia de vida que carrega traços coloniais e de resistência, propondo a construção de veganismos plurais em diálogo com outras lutas.

A seguir, Alejandra Vallejos Carrasco, em seu texto “Corpo, emoções e performance no desenvolvimento de práticas e ações coletivas antiespecistas”, explora os aspectos emocionais e corporais das práticas veganas antiespecistas, mostrando como essas influenciam ações coletivas em prol dos animais não humanos. Assim sendo, na obra de Mar Revolta, encontramos uma poesia-manifesto que propõe, de forma potente e profunda, a desistência da espécie como práxis decolonial.

O texto que segue no Dossier, é o de Lidia Guerra, intitulado “Macuy e outros quelites: práticas antiespecistas de alimentação descolonizada”. Nesse artigo, a autora reflete sobre a alimentação baseada em vegetais como uma prática antiespecista situada, contribuindo para a construção de veganismos decoloniais através do reconhecimento histórico, veganização de receitas ancestrais e popularização dos alimentos vegetais.

A seguir, encontra-se a obra de Florencia Castelar Figuera, de nome “Cidade especista”. Esta obra de arte, oferece uma nova perspectiva sobre a cidade e suas práticas especistas através de registros fotográficos e reflexões filosóficas. O texto seguinte, de Anna Caramuru, intitulado “Direitos Animais para além dos Direitos da Natureza” aborda os ecofeminismos, focando na vertente animalista que considera a exploração animal como parte do problema a ser enfrentado, comparando os ordenamentos jurídicos brasileiro e equatoriano.

A seguir, encontra-se a contribuição de Mariano Nadalig e Débora Imhoff, intitulado “Humano e masculino: pontos de expansão. Em torno da interseccionalidade e reciprocidade entre sistemas de opressão”, que propõe nessa escrita conjunta, uma discussão sobre o antiespecismo decolonial como alternativa à exploração globalizada, analisando as interseções entre capitalismo, colonialismo, especismo, patriarcado e racismo, e propondo transições nas masculinidades como formas de contestação e subversão. Finalmente, o último artigo é “Vaidade e [ir]racionalidade: perspectivas críticas contra a retórica de morte” de David Charles do Nascimento. Tal artigo discute

como a ética antropocêntrica europeia perpetua desigualdades e preconceitos e propõe o veganismo como alternativa.

Convidamos es leitoris a adentrar nesses mundos decoloniais e antiespecistas através dos sentidos, da teoria, dos afetos e da resistência. Este dossiê é um convite à imersão em narrativas que desvendam as tramas entrelaçadas do colonialismo, do especismo e das opressões estruturais. É uma jornada que convida a sentir, pensar e agir, reconhecendo as histórias silenciadas e as vozes marginalizadas. Que a arte e a ciência aqui reunidas inspirem novas formas de ver, viver e resistir, tecendo coletivamente caminhos de justiça para todes. Que o compromisso com a decolonialidade e a luta antiespecista floresça em cada leitura e vislumbamento, transformando nossas percepções e ações em direção a um mundo mais ético e inclusivo.

Fabio Oliveira e Martina Davidson

Bibliografía

- Bidaseca, K. (2021). *La revolución será feminista y descolonial* [Versión Kindle]. Editorial Biblos. Disponible en <https://www.amazon.com.br/revoluci%C3%B3n-ser%C3%A1-feminista-descolonial-Spanish-ebook/dp/B097KG4K6Q>
- González, A. G., & Davidson, M. (2022). *Alianzas salvajes: Hacia un animalismo decolonial, transfeminista y anticapacitista*. Desbordes. Revista De Investigaciones. Escuela De Ciencias Sociales, Artes Y Humanidades - UNAD, 13(1), 11-54.
<https://doi.org/10.22490/25394150.6775>
- Lugones, María. *Hacia un feminismo decolonial. La manzana de la discordia*, v. 6, n. 2, p. 105-119, 2011.
- Oliveira, Fabio A.G, 2022. *Especismo estrutural: os animais não humanos como um grupo oprimido*. [em linha]. Em: Parente, Ádna; Danner, Fernando; Silva, Maria Alice da (orgs). *Animalidades: fundamentos, aplicações e desafios contemporâneos*, 2021. [Acesso em 4 março de 2022] Disponível em: <https://www.editorafi.org/268animalidades>. DOI 10.22350/9786559172689.
- Silva, Maurício. Ocaña, Alexander Ortiz; López, María Isabel Arias; Conedo, Zaira Esther Pedrozo. *Decolonialidad de la educación. Emergencia/urgencia de una pedagogía decolonial*. Santa Marta/Colômbia, Universidad del Magdalena, 2018. EccoS – Revista Científica, [S. l.], n. 58, p. e19819, 2021. DOI: 10.5585/eccos.n58.19819. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/19819>. Acesso em: 5 jun. 2024.